



A vida numa pequena cidade no interior de Pernambuco pode parecer pacata. Só não é assim na escola onde estuda João Batista. Lá os dias nunca são muito calmos...

Ainda mais com a chegada de Berenice. Dona de um cabelo vermelho rebelde, ela é magrinha e usa uns óculos bem grossos. Com esse visual, Berenice vai chamar a atenção de todos: onde já se viu uma menina tão esquisita?

Somente João Batista não pensa assim. Berenice pode até ser diferente, mas é muito legal!

E a amizade dos dois vai dar o que falar...



BARCO
A VAPOR

A CABELEIRA DE BERENICE • LEUSA ARAUJO

A cabeleira de Berenice

Leusa Araujo

Ilustrações
Sônia Magalhães

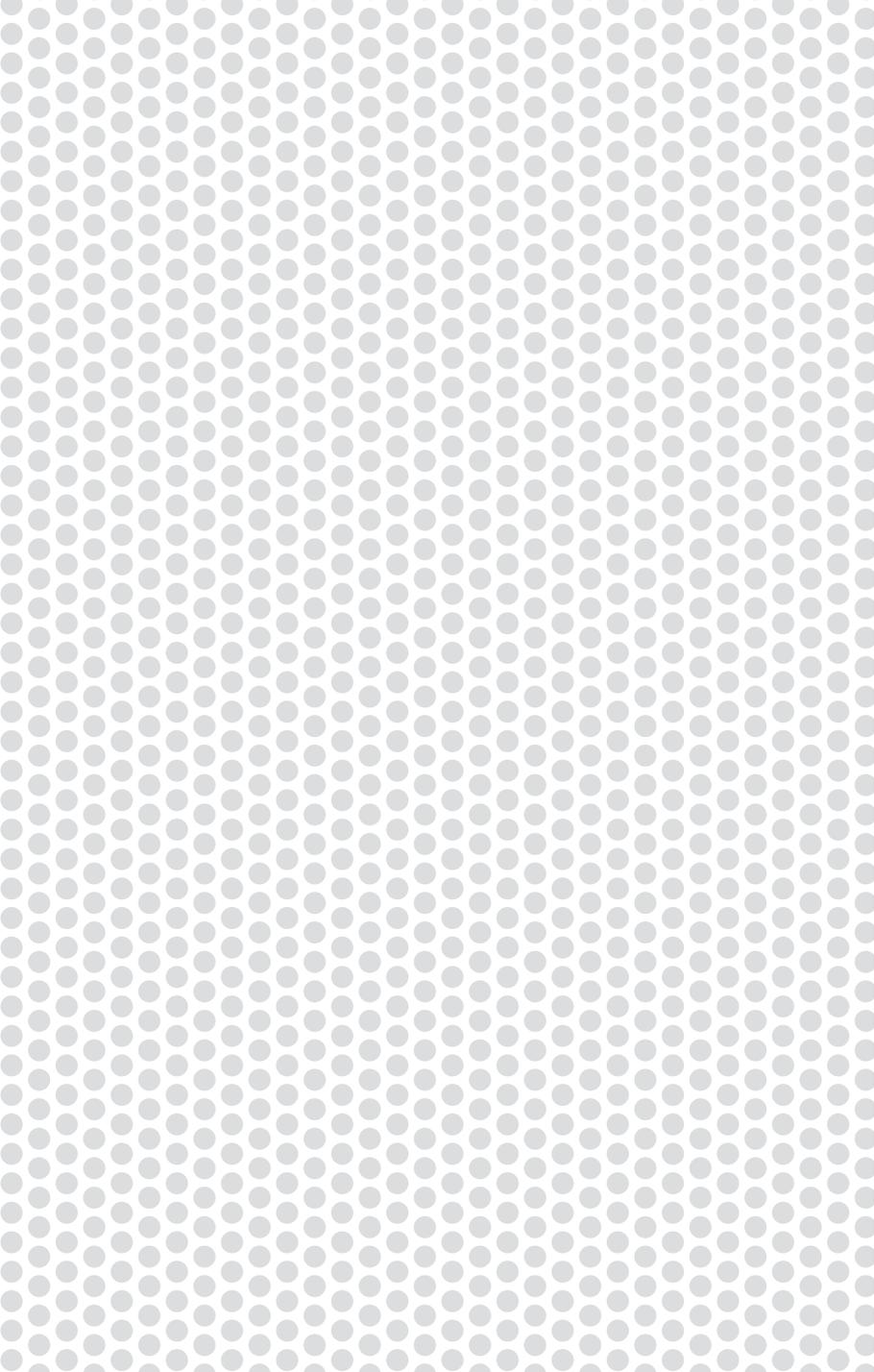


1 7 3 6 3 5

ISBN 978-85-418-1333-4



9 788541 813334



A cabeleira de Berenice

©Leusa Araujo, 2005

Gerência editorial: Adilson Miguel
Edição executiva: Graziela R. S. Costa Pinto

Coordenação editorial: Malu Rangel
Preparação: Rodrigo Villela
Revisão: Carla Mello Moreira e Marcia Menin

Edição de arte: Leika Yatsunami
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Araujo, Leusa

A cabeleira de Berenice / Leusa Araujo ; ilustrações Sônia Magalhães. — 2. ed. — São Paulo: Edições SM, 2016. — (Barco a Vapor. Série Laranja)

ISBN 978-85-418-1333-4

1. Ficção — Literatura infantojuvenil
I. Magalhães, Sônia. II. Título. III. Série.

16-01034

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2006
2ª edição março de 2016
2ª impressão novembro de 2016

Todos os direitos reservados a
EDIÇÕES SM
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel.: 11 2111 7400
www.edicoessm.com.br



BARCO
A VAPOR

A cabeleira de Berenice

Leusa Araujo

Ilustrações
Sônia Magalhães



*Dedico ao meu pai,
que foi para o céu de caminhão...*

*Eu tenh' bombo
Tenh' caixa
Gongué com a fita
Tenh' rei e rainha
E boneca bunita...
A boneca é de seda
Seda Baleia...*

*Trecho de toadas dedicadas às calungas, bonecas
de madeira ou de pano que representam ancestrais
africanos nos maracatus do Recife. As bonecas passam
pelas mãos de todas as baianas do cortejo e a principal é
levada à porta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.
(Maracatus do Recife, de César Guerra Peixe)*

SUMÁRIO

O passaporte mágico.....	13
Presente!	19
Garota esquisexótica.....	27
Estranhos poderes.....	29
A chegada do Dragão.....	33
O amor de papel de seda.....	39
Dono da bola.....	43
Pão, pão, queijo, queijo	49
Pombo-correio	55
Pé de pato, mangalô, três vezes.....	59
No País das Maravilhas	63
Bicho-papão.....	69
O Fã-Clube do Ronivaldo.....	71
“É menino, doutor!”	77
Verdades e mentiras.....	81
O homem é fera!	85
Com a cabeça na forca	89

O teste.....	93	Balde de água fria!	201
João Chora-Menino	99	O massacre continua	205
Cartas de papai I	105	Quando as bruxas se penteiam.....	213
Mão de pilão	109	Cadeira vazia	219
“Estou embrulhado, mãe”	113	Se arrependimento matasse.....	225
O caso do vestido I	117	Pé na estrada	229
Pego em flagrante	123	Muitíssimo, muito!.....	233
“Eu, fulano de tal, abaixo-assinado”	127	Triste fim	237
Nariz comprido, olho torto, ataques.....	131	Cartas de papai II	239
“Quer dançar comigo?”	135	Papel picado	241
O Bom Futuro.....	139	“Volto para Calunga”	245
Amor pegando fogo	143	O anjo da guarda	247
A volta de Julieta.....	147	Que é que deu no João?	251
“Faz um poema, por favor, vai”	153	Pega-ladrão.....	255
O caso do vestido II	157	Despedida	257
Sumiu?	161	A investigação	261
Maus presságios	163	Noites de vigília.....	265
O baile de máscaras	167	Amor de mentirinha	267
Amor cego	171	Como peixe fora d’água.....	271
Olha, que lá vem encrenca!.....	177	Balde de lágrimas	275
Conversa de pai para filho.....	181	A festa	281
“Quieta! Não se mexa!”	187	Amor de giz colorido	287
O forasteiro.....	197	Pife-pafe.....	289

● O PASSAPORTE MÁGICO

OS CORREDORES DA ESCOLA surgiam longos e desertos. João Batista resolveu apertar o passo, bufando de medo e ansiedade. Imagine: chegar atrasado, não encontrar o nome na lista da classe. “Logo hoje? No primeiro dia de aula da 5ª série?”, remoía o tempo todo. Distraído, entrou na curva para a sala 17. E descobriu, pasmado, que outro retardatário fazia o mesmo que ele, só que na contramão. O encontrão foi inevitável e atirou os dois corpos ao chão, fazendo voar a ficha de matrícula e mais um punhado de objetos que despencaram da mala aberta de sua vítima.

— Machucou? — foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça, depois de sentir o baque da queda no cimento e de perceber que estava enroscado num corpo frágil de menina.

— Não foi nada... — respondeu a garota, tentando libertar-se de João.



— Espera aí... Eu tô te machucando...

João ajudou a garota a se levantar, sem olhar diretamente para seu rosto. Estava atrapalhado. Era a primeira vez que ficava tão perto de uma garota, sentindo o peso dela no seu braço. Começou a achar agradável sustentá-la assim.

Ambos de pé, João tomou a frente e passou a juntar freneticamente os materiais espalhados pelo corredor, sem se voltar para sua vítima. Colocou tudo de volta na maleta de couro da garota, que trazia um montão de papéis, livros, pedras... “Pedras?”, surpreendeu-se João, vendo explodir em seus olhos o efeito do brilho de uma pedra de muitas cores. “Que preciosidade!”, concluiu, enfeitado.

— Este papelzinho é teu? — a voz doce da garota quebrou o feitiço de João.

— A ficha de matrícula? Deus do Céu! Meu nome não tá na lista. É... É meu, sim — respondeu, ofegante, ainda de cabeça baixa, preparando-se para fugir dali o mais depressa possível. — Desculpa aí, hein! Eu tô superatrasado — disse.

João Batista apertou nas mãos a solução para todos os seus problemas: a ficha de matrícula. Mas nem assim se sentiu aliviado. Pior. Um novo pensamento o deixava apavorado: e se antes que ele

pudesse bater na porta, a professora aparecesse, surpreendendo-o no corredor?

— O que o senhor está fazendo fora da sala, hein, mocinho? Já para dentro! — a professora diria, franzindo a testa em sinal de desaprovação.

— Nada, professora... — responderia João, gaguejando diante dos colegas, o rosto vermelho. E, no fundo da sala, Anselmo estouraria de rir.

— Trate de ir para o seu lugar! — A professora lhe apontaria a primeira carteira. — E como é mesmo o seu nome?

— João Batista, professora. É por isso mesmo... — tentaria explicar, em vão, que o seu nome não constava da lista.

— Mas o seu nome não está na lista! — a professora diria, aproximando os óculos de lentes pequenas do nariz.

— Então — responderia ele, com um sorriso sem graça, estendendo-lhe a ficha de matrícula, seu passaporte mágico!

— Muito bem... Senhor João Batista, dois pontos a menos por atraso — a professora anunciaria para a sala, anotando seu nome completo no diário de classe. João arregalaria os olhos redondos e pretos, da cor do cabelo, que amanhécia invariavelmente espetado.

Um minuto depois estava na porta da sala 17. Dona Irene, a professora de história, recebeu-o sem surpresa. Ao olhar a ficha de matrícula na mão de João Batista, foi como se visse uma antiga senha.

— Muito bem, João Batista. Seu nome vai já para a lista... — disse, sorridente, a professora, uma jovem alta, de vestido florido e cabelo liso escorrendo da moldura do rosto até os ombros.

No entanto, para surpresa da sala, mal Dona Irene terminara de fechar a porta, uma batidinha leve introduziu outro retardatário. Era a garota do encontrão no corredor. A dona da pedra brilhante. João reconheceu-a, envergonhado.

● PRESENTE!

DEPOIS DE ACOMODAR a última retardatária numa carteira bem em frente da sua mesa, Dona Irene voltou-se para a nova turma da 5ª série e propôs:

— Hoje quero conhecer um pouco da história de cada um de vocês. Comecem me dizendo o nome, o que gostam de fazer e o que pretendem para o futuro... Pode ser? — interrogou, ansiosa.

Os olhos dos alunos fizeram muitos movimentos. As bocas, também.

— Que história é essa de falar da própria história? — estranhou Dedé, um garoto alto e magro, que sempre vestia a blusa do seu time como uniforme. Estava sentado na última carteira, ao lado de João Batista. — João, como é que é mesmo pra fazer? — insistiu.

— É só dar o nome e falar umas coisas da vida da gente...

— Que coisas?

— Eu que vou saber? A vida é sua... Sei lá. Conta o seu sobrenome, endereço...

Dedé continuou inquieto. Não estava contente com as explicações de João e apelou para o colega à sua frente, que, impaciente, recusou qualquer ajuda.

— Cala a boca aí... Me deixa ouvir os caras... — referindo-se aos primeiros alunos que se levantavam, titubeantes, sorteados pelo dedo da professora que corria a lista de chamada.

— Me chamo Zé Amâncio. Moro perto do cemitério do Etu... Que mais a professora quer saber?

— Você pode me dizer se tem medo de cemitério? — disse Dona Irene, para surpresa do garoto.

Aos poucos, os alunos perceberam que podiam dizer que gostavam de jogar bola, que tinham medo de reprovação, que queriam mais tempo para o recreio, que a mãe fazia bolo para fora... Valia tudo. A professora dava palpite, facilitava a apresentação de cada um. Pena que as melhores ideias só vinham à cabeça dos alunos quando viam passar sua vez.

— Caramba! Bem que eu podia dizer que já fui para o Recife, que nadei em Boa Viagem e tudo — suspirou Dulcinda, filha de um vereador de Camiri, puxando o rabo de cavalo mais para o alto, como gostava de usar.

No entanto, o ânimo da sala só se agitou para valer quando Dona Irene chamou a aluna nova transferida do Colégio de Camiri, que, como João Batista, também chegara atrasada no primeiro dia de aula:

— Berenice, é sua vez!

Mesmo sentada defronte à professora, a garota nem se moveu. Continuou afilando a ponta do lápis com gilete. Parte dos farelos de madeira começava a formar um montinho sobre a carteira, e os que escapavam iam direto fazer ninho num cabelo crespo, vermelho e volumoso, que escondia seu rosto.

Os alunos voltaram a atenção para a tal menina do cabelo vermelho com farelos de madeira.

— Berenice de Paula! — A professora foi enfática.

A menina pulou na carteira, arrancando uma explosão de riso da sala.

Berenice também achou graça da sua desatenção. Levantou-se e olhou para trás, mostrando à sala seu rosto branco, os óculos de grau e uma careta — os olhos espremidos, como se mesmo por detrás das grossas lentes ainda não pudesse ver direito o que se passava.

— Quer que eu diga quem sou? — confirmou sua dúvida com a professora, com a mãozinha apontando para si mesma.